

Via Láctea (1888): história (parnasiana) de uma paixão

Via Láctea (1888): story of a passion

ÁLVARO SANTOS SIMÕES JUNIOR

UNESP/CNPq – São Paulo – São Paulo – Brasil



Resumo: *Poesias* (1888), livro de estreia do parnasiano Olavo Bilac, contém a *Via Láctea*, coleção de sonetos de temática amorosa que, em franca ruptura com o sentimentalismo romântico, caracteriza-se pela moderação e contenção neoclássicas. O tratamento universalizante dos temas acaba por ocultar as circunstâncias particulares em que foram compostos os poemas. Pretende-se, nestas poucas páginas, evidenciar os vínculos desses textos com episódios conhecidos do namoro do poeta com Amélia de Oliveira, irmã de Alberto de Oliveira, com o objetivo de propiciar a compreensão da *Via Láctea* como um “diário amoroso” em que ficaram registradas, à maneira parnasiana, as dolorosas estações de uma paixão malograda.

Palavras-chave: Olavo Bilac; *Poesias*; *Via Láctea*; Soneto

Abstract: *Poesias* (1888), Olavo Bilac's first book, contains *Via Láctea*, a collection of sonnets of love that, in frank rupture with the romantic sentimentalism, is characterized by neoclassical moderation and contention. Universalizing treatment of the themes results in concealment of the particular circumstances in which the poems were composed. It is intended in these few pages to evidence the links between these texts and known episodes of the courtship of the poet and Amélia de Oliveira, the sister of Alberto de Oliveira, with the goal of providing an understanding of *Via Láctea* as a “love diary” in which the painful stations of a frustrated passion were registered.

Keywords: Olavo Bilac; *Poesias*; *Via Láctea*; Sonnet

Em 1883, Olavo Bilac (1865-1918) estampou seus primeiros poemas na *Gazeta Acadêmica*, jornal dos estudantes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. No ano seguinte, já realizava um grande desejo ao publicar o soneto “Nero”, primeira versão de “Sesta de Nero”, na prestigiosa *Gazeta de Notícias*, então dirigida por Ferreira de Araújo. Nos anos subsequentes, o poeta seguiria divulgando seus versos em periódicos, à medida que os escrevia, antes mesmo de reuni-los no livro *Poesias*, publicado em 1888, que seria constituído de três partes: *Panóplias*, *Via Láctea* e *Sarças de fogo*.

Em 1885, Bilac iniciou um namoro com a poetisa Amélia de Oliveira (1868-1945), irmã de Alberto de Oliveira (1857-1937). Essa paixão inspirou boa parte dos sonetos da *Via Láctea*, que, colocada entre *Panóplias* e *Sarças de fogo*, representava uma ilha de lirismo amoroso

cercada, de um lado, pela impassibilidade parnasiana das *Panóplias* e, de outro, pelo erotismo das *Sarças de fogo*. Como outros textos das *Poesias*, sonetos da *Via Láctea* também foram publicados em periódicos como, por exemplo, *A Semana*, dirigida por Valentim Magalhães (1859-1903).

Comparada aos outros dois livros, a *Via Láctea* apresentava maior uniformidade formal, pois todos os trinta e cinco poemas da série eram sonetos constituídos de versos decassílabos. De certa maneira, a preferência pela forma fixa significava uma reação aos românticos, que adotavam poemas de forma aberta, e uma retomada do soneto camoniano ou bocageano. A despeito da temática amorosa, Bilac observou a contenção neoclássica ao exprimir seus sentimentos; tal moderação era assumida como parte do programa parnasiano de renovação da

poesia brasileira. No soneto “Todos esses louvores, bem o viste” (XI), em que aludia à boa recepção dos seus versos, o poeta revelava aversão bem parnasiana ao sentimentalismo romântico, que, não obstante, era ainda muito popular:

Ai de mim, se de lágrimas inúteis
Estes versos banhasse, ambicionando
Das néscias turbas os aplausos fúteis!

Os sentimentos que o poeta exprimia eram moderados e comuns à maioria das pessoas, tais como a exaltação com a descoberta do grande amor, a alegria de ser correspondido, os impulsos contraditórios motivados pela paixão, a impaciência com o compromisso de guardar segredo, a satisfação por ser compreendido, o enlevo ao ouvir a amada, a dor da separação, a saudade e a euforia do reencontro, entre outros. Em *Via Láctea*, o que era pessoal sofreu tratamento universalizante. Ao contrário de certos românticos, o poeta não se concebia como ser excepcional bafejado pelo gênio. Ao referir-se à amada, não lhe atribuía características peculiares que a pudessem diferenciar das outras mulheres. Os cabelos negros mencionados no soneto “Dormes... Mas que sussurro a umedecida” (XVIII) não constituíam traço particularizante, até porque no soneto seguinte, “Sai a passeio, mal o dia nasce” (XIX), os cabelos da amada tornavam-se louros.

Almejando alcançar uma certa universalidade, o poeta não cantou sabiás e palmeiras ou bananeiras e laranjais, não se interessou pelos escravos nem atacou o imperador. Se cantou os índios, o fez como homenagem a Gonçalves Dias, o poeta brasileiro que mais prezava, apesar de ser romântico. A Bilac não importava a cor local, que ainda era, para muitos, traço distintivo do poeta brasileiro. Tendo em vista a ressonância universal, abandonou em sua poesia lírica as veleidades românticas de construção de uma língua brasileira mediante *brasileirismos* léxicos e sintáticos. Sua língua era, sem sombra de dúvidas, a de Camões e Bocage.

O predomínio do tratamento universalizante dos temas certamente dificultava compreender a *Via Láctea* como expressão lírica de um caso amoroso específico. Entretanto, o conhecimento das circunstâncias particulares do poeta poderia ampliar a significação de muitos poemas. Não se trata aqui, é evidente, de reabilitar a utilização sistemática do fator biográfico na crítica literária, – o que seria um anacronismo, – mas de iluminar melhor um livro que foi concebido como uma espécie de diário amoroso. Com a publicação da *Via Láctea*, o poeta poderia, como confessou no soneto “Tudo ouvirás, pois que, bondosa e pura” (II), “rever a estrada pavorosa e escura” por onde andara “de pesadelos perseguido”.

Bilac cursava Medicina desde 1881 por influência do pai, médico que servira o Exército durante a Guerra do Paraguai. Ainda estudante, passou a frequentar a roda de intelectuais boêmios liderados por José do Patrocínio, que se reuniam para bebericar e conversar sobre literatura e política. O namoro com Amélia, iniciado em 1885, não modificou os seus hábitos noturnos. O soneto XIV da *Via Láctea* expressava o arrependimento do poeta por haver provado amores menos castos, que modificaram profundamente sua compreensão do amor:

Viver não pude sem que o fel provasse
Desse outro amor que nos perverte e engana:
Porque homem sou, e homem não há que passe
Virgem de todo pela vida humana.

Por que tanta serpente atra e profana
Dentro d’alma deixei que se aninhasse?
Por que, abrasado de uma sede insana,
A impuros lábios entreguei a face?

Depois dos lábios sôfregos e ardentes,
Senti – duro castigo aos meus desejos –
O gume fino de perversos dentes...

E não posso das faces poluídas
Apagar os vestígios desses beijos
E os sangrentos sinais dessas feridas!

Após essa confissão de culpa, viria um soneto em que o poeta procuraria tornar permeável à sugestão erótica das “noites frias e brumosas” (XVII) a amada, cuja castidade de virgem pura exaltara no soneto “Em que céus mais azuis, mais puros ares” (VIII). Nota original do lirismo amoroso de Bilac é, com efeito, a franca expressão do desejo sensual, como se observa claramente no décimo-oitavo soneto da série:

Dormes... Mas que sussurro a umedecida
Terra desperta? Que rumor enleva
As estrelas, que no alto a Noite leva
Presas, luzindo, à túnica estendida?

São meus versos! Palpita a minha vida
Neles, fâlenas que a saudade eleva
De meu seio, e que vão, rompendo a treva,
Encher teus sonhos, pomba adormecida!

Dormes, com os seios nus, no travesseiro
Solto o cabelo negro... e ei-los, correndo,
Doudejantes, sutis, teu corpo inteiro...

Beijam-te a boca tépida e macia,
Sobem, descem, teu hábito sorvendo...
Por que surge tão cedo a luz do dia?!...

Passando as noites em cabarés, teatros ou até em lugares menos recomendáveis, o poeta afastou-se gradualmente da faculdade para inquietação de seu pai,

com quem viria a romper ao abandonar definitivamente o curso de Medicina. Sem emprego e expulso de casa, quem sempre o socorreu nos momentos de maior dificuldade foi a mãe, Delfina Belmira dos Guimarães Bilac. O soneto “Sei que um dia não há (e isso é bastante)” (XXI), em que figura mãe lacrimosa constrangida a abraçar o filho apenas em sonhos, não seria, portanto, um deslize de sentimentalismo piegas do impassível parnasiano, mas um agradecimento emocionado e até certo ponto comovente do poeta à mulher que se via obrigada a viver afastada do filho por excessiva rigidez do marido.

Como sua existência irregular provocava apreensões na família Oliveira, o poeta decidiu mudar-se para São Paulo a fim de cursar Direito e, assim, apresentar-se como um homem de bons propósitos e, portanto, um noivo viável para Amélia. Essa foi certamente uma decisão difícil, pois o colocava longe da amada e dos círculos intelectuais (e boêmios) do Rio de Janeiro. Esse momento crucial ficou registrado no soneto XXVIII, que é o único a mencionar um elemento particular da paisagem brasileira, o rio Paraíba:

Pinta-me a curva destes céus... Agora,
Ereta, ao fundo, a cordilheira apruma:
Pinta as nuvens de fogo de uma em uma,
E alto, entre as nuvens, o raiar da aurora.

Solta, ondulando, os véus de espessa bruma,
E o vale pinta, e, pelo vale em fora,
A correnteza túrbida e sonora
Do Paraíba, em torvelins de espuma.

Pinta; mas vê de que maneira pintas...
Antes busques as cores da tristeza,
Poupando o esdrúxulo das alegres tintas:

– Tristeza singular, estranha mágoa
De que vejo coberta a natureza,
Porque a vejo com os olhos rasos d’água...

Longe de ti, se escuto, porventura,
Teu nome, que uma boca indiferente
Entre outros nomes de mulher murmura,
Sobe-me o pranto aos olhos, de repente...

Tal aquele, que, mísero, a tortura
Sofre de amargo exílio, e tristemente
A linguagem natal, maviosa e pura,
Ouve falada por estranha gente...

Porque teu nome é para mim o nome
De uma pátria distante e idolatrada,
Cuja saudade ardente me consome:

E ouvi-lo é ver a eterna primavera
E a eterna luz da terra abençoada,
Onde, entre flores, teu amor me espera.

Salvo melhor interpretação, o poeta, premido pela saudade na fria e chuvosa São Paulo, fundia na mesma

deleitosa lembrança a amada estremeçada e a natureza ensolarada e florida da baía da Guanabara.

Graças também ao conhecimento dos percalços do amor entre Olavo e Amélia, o adorável alvoroço da amada de que trata o penúltimo soneto da *Via Láctea* tornar-se-ia não apenas compreensível em sua intensidade como também passaria a ser entendido como a manifestação de júbilo de uma mulher ao reencontrar, após prolongada ausência, o amado que de bom grado se sacrificava por uma união seriamente ameaçada. José Mariano, o Juca, que assumira a direção da família Oliveira com a morte de seu pai em dezembro de 1887, opunha-se com todas as forças ao projetado casamento da irmã com o poeta.

Malgrado seus esforços, Bilac não pôde unir-se a Amélia de Oliveira. Em dezembro de 1888, ao chegar à casa da namorada, que morava em Niterói, Bilac foi recebido com maus modos pelo Juca, com quem travou violenta discussão. Magoado com as duras palavras que ouviu daquele que poderia ter sido seu cunhado, o orgulhoso poeta nunca mais poria os pés na chácara onde moravam os Oliveiras e, conseqüentemente, abortaria definitivamente seus projetos conjugais. Desse modo melancólico, chegaria ao fim mais um caso de amor, mas o seu caminho luminoso poderá para sempre ser percorrido com encantamento nos sonetos da *Via Láctea*.

Referências

- BILAC, Olavo. *Poesias*. Org. e pref. de Ivan Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ELTON [Santos Zamprogno], Elmo. *Amélia de Oliveira (1868-1945)*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1977.
- ELTON, Elton. *O noivado de Bilac* (Com a correspondência inédita do poeta à sua noiva, D. Amélia de Oliveira). Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.
- FIGUEIREDO, Jackson de. Traços para uma apologia de Bilac. In: COUTINHO, Afrânio (org.). *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: INL, Pallas, 1980. p. 889-900.
- JORGE, Fernando. *Vida e poesia de Olavo Bilac*. 4. ed. rev. e aum. Introdução de Menotti del Picchia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. (Coroa Vermelha. Estudos Brasileiros, 20).
- LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola*. Bilac e a literatura escolar na República Velha. Rio de Janeiro: Globo, 1982.
- LIMA, Alceu Amoroso. Olavo Bilac. In: *Primeiros estudos*. Rio de Janeiro: Agir, 1948. p. 81-92. (Obras Completas, 1)
- LIMA, Alceu Amoroso. *Olavo Bilac*: Poesia. Rio de Janeiro: Agir, 1957. (Nossos Clássicos, 2).
- MAGALHÃES JR., Raimundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Americana, 1974.
- MAURÍCIO, Augusto. Algumas palavras sobre Olavo Bilac. O grande amor que iluminou a vida do poeta. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 2 fev. 1936. Suplemento, p. 2, 1.-2. col.

Recebido: 12/06/2012
Aprovado: 18/08/2012
Contato: simoes@femanet.com.br